



REDATORES:  
 Notícias Científicas — Vicente Amato Neto  
 Esportes — Renato Santos Abreu  
 \*\*\*  
 José Velensck  
 Onildo Benicio Rogano  
 Ruy de Paula Dias  
 Ivone Facuri  
 Eduardo Marcondes  
 Mauricio Grinberg  
 Aloisio Fernandes  
 Maria José Machado  
 Jorge W. F. Amaro

(Registrado no D. N. I.)

Órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" - Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo

Redator Chefe  
WILLIAM CALLIA

Diretor:  
ALVARO E. DE ALMEIDA MAGALHÃES

Secretário:  
ODON MARANHÃO

ANO XVIII

SÃO PAULO — JULHO — AGOSTO DE 1951

N.º 61

# Posse solene da "Diretoria Belda"

Discurso pronunciado pelo Ac. Agostinho Betarelo 1.º orador do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Ilmo. Sr. Prof. Jaime Cavalcante, Diretor da Faculdade de Medicina Ilmos. Srs. Representantes das Autoridades Cíveis e Militares.

Ilmos. Srs. Professores.

Coléga Roberto Brólio, ex-Presidente do C. A. O. C. Coléga Walter Belda, Presidente do C. A. O. C. Prezados colegas.

Minhas senhoras, Meus senhores.

Quebrando uma tradição de há muito mantida, a voz oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", far-se-á ouvir através de dois de seus representantes. Ao Presidente Walter Belda caberá a análise da situação administrativa do C. A. O. C. e a mim, na qualidade de seu 1.º Orador caberá fixar a posição dos moços no momento atual.

Ser moço, constitui, a rigor, o período de existência mais difícil de ser vivido. Essa afirmação poderá parecer, à primeira vista, falsa e paradoxal, uma vez que o moço, gozando de todas as forças físicas de que a natureza dota o homem, tem energias em reserva suficiente para enfrentar e antepor-se a todos obstáculos.

Mas, repetimos, é a etapa mais árdua para ser transposta, porque ser «moço» significa luta incessante e sem tréguas contra tudo aquilo que é injusto, ser «moço» quer dizer, acima de mais nada, despreendimento por aquilo que lhe diz respeito pessoalmente, para dedicar-se inteiramente às questões, não suas, mas da sociedade em que vive; ser «moço» traduz batalha sem esmorecimento em prol dos ideais mais nobres. Ser «moço» exprime a repulsa pelo servilismo e pelo conformismo, emfim, em ser «moço» está condicionada a idéia do repúdio à sordida realidade que nos cerca, a favor de uma realidade pura e mais elevada: a realidade idealística.

Desde os seus primeiros contactos, como homem responsável, com a crua realidade, sofre o moço, a sua mesquinhez, padece pela sua mediocridade, sente o espírito de interesse pessoal que domina as ações humanas, apercebe-se do frio isolamento em que vive o homem apesar dos milhares de pessoas que o rodeiam e vê, então, em torno de cada criatura, um mundo minúsculo — impermeável e estanque — que o separa dos outros pequenos mundos.

Isso feito, estabelece-se nele o choque, que gera o desequilíbrio.

Contra esse estado de coisas, a sua imaginação arquiteta planos de reforma, sua mente de moço trabalha no sentido de modificar para melhor a estrutura daquela sociedade. Mas, quando esse projeto deixa o plano teórico, ou melhor, deixa o plano das idéias para ser aplicado praticamente, surge tremenda reação dos demais, isto é, daqueles que não são «moços». Reagem contra ela, porque já se acostumaram ao estado que, esperneiam uma vez que as novas idéias tirar-lhes-ia umas tantas vantagens já conseguidas, esbravejam porque essa modificação, uma vez vitoriosa, iria destroná-los dos seus altos postos. Suas iras se voltam então contra os moços, ameaçando-os, diminuindo-os, depreciando-os e, até mesmo, perseguindo-os.

Quando diz moço (e mais particularmente o moço estudante de medicina) a respeito de um indivíduo da classe pobre: — Este homem é doente porque tem fome, ele é tido como aluno exemplar, pois acaba de acertar um diagnóstico;

se desejar ir mais além, afirmando: — ele tem fome porque o que ganha é irrisório e insuficiente para o seu sustento, já será o moço olhado com reservas; e se quiser ir mais além e disser: ele sempre será um doente, porque sempre terá fome e esta só deixará de existir quando perceber melhores salários, condição quase impossível de ser conseguida dentro do atual estado de coisas, aonde uma imensa maioria, cada vez maior e mais fraca, trabalha para enriquecer uma pequena minoria, cada vez menos e mais forte.

E se ousar o «moço» fazer alguma coisa, por menor que seja, para que essa injustiça seja remediada, não haverá mais dúvida quanto ao seu destino: deixará de ser um simples suspeito, para ser transformado num sublevador da ordem, deixará de ser um aluno exemplar para ser um inimigo público.

Deflagra-se então contra ele uma luta incessante, luta para qual nem todos estão preparados. Se suas convicções não forem sólidas, se seus princípios não forem alicerçados em nobres ideais, se ele não estiver convencido das finalidades altruísticas da luta em que se está empenhando, acabará cedendo: cederá ou porque é covarde e tem medo da batalha, cederá se for comodista e não se acostumar às barreiras que terá de enfrentar, cederá se for conformista e adaptar-se às condições que encontrou, sem procurar modificá-las; cederá por qualquer outro motivo, cairá, entregarse-á, mas assim fazendo, deixará automaticamente de ser «moço», pois estará traíndo aos princípios atrás enumerados.

Infelizmente, somente uma minoria resiste e permanece de pé. Essa resistência implica numa vida de eternos sacrifícios e de constantes dificuldades, mas que traz como única compensação o ter a consciência tranquila por ter cumprido o seu dever de «moço». Em alguns, os mais excepcionais, esse idealismo perdura por toda a vida; são os eternos «moços». Por que ser «moço» não significa ser apenas jovem, mas, acima de tudo, o respeito àquilo que o define. Esse respeito poderá alongar-se por toda a existência e, assim, homens há, que longe de serem jovens são «moços»: são moços pelo modo como agem, pela sua honestidade naquilo que defendem, pelo idealismo de suas proposições.

Exemplo insofismável daquilo que dizemos, encontra-se na pessoa do Prof. Alípio Corrêa Neto, digníssimo Presidente do Conselho Consultivo deste Centro Acadêmico. Quer como emérito professor ou como ilustre cirurgião, quer como homem público ou como líder da classe médica, ele sempre é «moço», pois coloca em tudo aquilo que se propõe fazer, e, antes de mais nada, os interesses da classe que representa. É por esse motivo que o escolhemos para Presidente do nosso Conselho.

E os estudantes de medicina, tem sabido ser «moços»? nos poderá ser indagado.

Coletivamente, afirmamos que sim. Como um todo, os estudantes de medicina desta Faculdade já deram provas cabais do seu espírito de luta: quer no campo da Assistência Social, desdobrando-se em esforços nas suas diversas Ligas de Assistência, ajudando e amparando o doente necessitado, onde o seu único interesse e recompensa é a sensação de estar praticando o bem e não, como em muitas organizações semelhantes, a de adquirir prestígio social; quer no campo dos interesses nacionais, antepondo-se por decisões unânimes contra a entrega do nosso petróleo a qualquer país estrangeiro; insurgindo-se contra as chamadas leis de Segurança e de Imprensa, que sob a aparência de defenderem o Es-

taço, limitam — a vontade dos dirigentes — a liberdade individual; ou então quando se levantaram resolutamente para enfrentar a lei das transferências, campanha que tinha como finalidade não apenas defender os direitos dos colegas que são aprovados nos exames vestibulares e não conseguem vagas, mas também — e isto é fundamental — preservar o alto nível de ensino de nossa Faculdade, que acaba de ser reconhecida pela American Medical Association, como de padrão comparável às melhores do mundo e a única deste gênero, em toda a América do Sul.

Individualmente, o mesmo não pode ser dito, pois se um número relativamente grande de nossos colegas tem consciência exata do seu papel e o desempenha com brilho — honrando e elevando o nível da mocidade estudantil — outros há antes por apatia do que por covardia, mais por desinteresse do que por desconhecimento da realidade, se deixam ficar possuídos de um marasmo improdutivo e, cruzando os braços, limitam-se a ser apenas jovens estudantes de medicina, ao invés de moços estudantes de medicina.

Felizmente para nós, o seu número é cada vez menor, o que indica uma participação mais ativa dos nossos estudantes na solução dos problemas gerais.

Mas, para contrapor-se aos apáticos, para fazê-los desaparecer, para colocá-los na penumbra do esquecimento, entre os estudantes desta Faculdade, alguns há — que pelo seu destemor, pela sua combatividade, tem sabido honrar as tradições neste Centro implantadas pelos seus fundadores, os então acadêmicos Waldomiro de Campos e Jaime Candelária. E para citar apenas alguns de nossos representantes que dignificaram o nome do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, lembro o nome dos colegas Francisco Vellozo Bragas, Roberto de Albuquerque Fortes, Roberto Brólio e, na atual Diretoria que hoje se empossa, o do seu Presidente Acadêmico Walter Belda e do seu Vice-presidente, Acadêmico Aldo Fazzi.

Essa exposição que acabamos de fazer, tornou-se necessário afim de que pudessemos analisar a posição dos moços no momento atual. Transformou-se num truismo a afirmação, por parte dos mais velhos, ou melhor, por parte da geração que nos antecedeu, que a mocidade de hoje é fraca, que é desorientada, que está perdida; e completam a sua frase, dizem com ufanismo: «No nosso tempo não era assim...»

Se assim é, o que terminantemente não cremos é, a eles e não a nós que cabe a responsabilidade por esse estado de coisas.

Nós, os «moços» da atual geração, no período em que nossa personalidade estava sendo plasmada, observamos a nosso derredor o caos de uma guerra cruenta. Enquanto os jovens de outras épocas divertiam-se lendo histórias em quadrinhos nos jornais, nós víamos fotografias de campo de concentração e de cidades arrasadas; ao invés dos feitos heróicos dos chefes de outras épocas, tínhamos diante dos nossos olhos os feitos dos generais que comandavam batalhas onde morriam milhares de homens, homens que nada tinham contra o outro, homens que talvez pudessem ser amigos, não fosse a guerra que os separasse. E, no entanto — sem saber exatamente porque — eles se matavam.

Enquanto nossos pais pregavam a união, a justiça e o respeito pelo próximo, nos campos de batalha, os dirigentes de então — abusando de um direito que não tinham — obrigavam seus dirigidos a praticar atos que repugnavam a consciência do ser menos sensível.

Mal terminada a guerra, quando pen-

sávamos que a paz e a harmonia fossem reinar na face da terra e que os homens pudessem novamente estender as mãos uns aos outros, nova guerra se deflagra, agora fria e sorradeira, e de consequências tão funestas quanto a anterior.

Como consequência direta da mesma, o mundo dividiu-se em dois blocos: de um lado, o imperialismo econômico, e do outro, o imperialismo doutrinário.

Criaram-se, dessa forma; dois polos antagonicos e que arrastaram para si o resto da humanidade. Hoje de acordo com o país em que vive, o homem terá apenas o direito de escolher um dos dois; não há a possibilidade de tomar outro caminho: ou marcha junto ao seu governo, ou é proscrito.

Ele não tem o direito de dizer: — não pertenceo nem a este nem aquele grupo, pois ambos lutam apenas para defenderem seus interesses; não quero aliar-me a este ou aquele lado, pois tanto é prejudicial o imperialismo econômico que nos veste de um progresso fictício, quanto é mau o imperialismo doutrinário que nos cercia a liberdade; não quero lutar a favor deste ou daquele, porque esta não é a minha luta, nem a de meu povo, ela não me diz respeito porque é longínqua e distante.

Ele se for um conformista, mas se tiver, independentemente de sua idade, o «espírito moço», levantar-se-á e protestará. E então, pela coragem que teve em não se entregar a nenhuma das frações, sofrerá o ataque de ambas; pela sua independência em dizer não, será colocado entre dois fogos. Para um grupo será taxado de reacionário e pelo outro será considerado extremista. Mas, para ambos, como um denominador comum será um inimigo da pátria.

E, em grande parte do mundo, esta é a posição da maioria dos «moços» e mais particularmente dos «moços estudantes». Recusando-se aceitar a participação ao qual pertence o seu governo — não por ser favorável ao outro, mas apenas porque julga não dever pertencer a nenhum — ele se tornará um suspeito. Seus atos serão observados, seus passos serão vigiados, suas palavras muitas vezes caçadas, enfim, será, a partir desse momento, um homem marcado.

Suas atitudes, por mais justas e honestas que sejam, serão sempre suspeitas; pouca coisa poderá pretender, pois será eternamente um homem marcado.

É natural, portanto, que ele se inquiete, é perfeitamente cabível que o moço seja um revoltado e é exatamente por essa sua inquietude, por essa sua rebeldia, por essa sua insatisfação que ele é acusado pelos homens da outra geração. Para eles o moço ideal seria aquele que se limitasse a aceitar, sem discutir, as condições já estabelecidas.

Nesse ambiente, como elementos passivos dentro desse caos, nos formamos; nesse ambiente nós crescemos e tornamos adultos. Como é lógico, nossa personalidade sofreu a influência desse estado de coisas que nos cercava.

Como poucos eram os homens da outra geração que nos pudessem orientar, uma vez que entre eles somente alguns possuíam um «espírito de moço» em que pudessemos confiar, tivemos que encontrar nós próprios nossas diretrizes, ou, em outros termos, fomos obrigados, independentemente da ajuda da experiência dos outros mais velhos, a buscar a nossa solução para poder enfrentar uma situação que nós não criamos, mas que por outros nos foi legada.

Situamo-nos ante uma contingência que nos foi imposta, tentar descobrir a incógnita de um problema que não formulamos. É a geração que nos incrimina que cabe a maior responsabilidade desse estado caótico em que vivemos.

# A GUIZA DE ARTIGO A sombra dos Bananais Teatro Bisturi

(Roberto ALEGRI)

Li artigo do ilustre professor de Medicina Legal, Dr. Flaminio Fávero, intitulado "Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - Padrão A", publicado em "O Bisturi", órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Referia-se equiparação deste Estabelecimento de ensino superior aos melhores dos Estados Unidos da América do Norte e isso para mim, não significa apenas um presente para a Faculdade e tão somente para ela; foi mais do que isso. Foi um reconhecimento científico coroadando-lhe o nome refletindo no rosto de seus mestres, de seus alunos e de auxiliares, uma intensa alegria como intensa luz a iluminar-lhes a posteridade.

Já havia essa luz e, por uma fresta da personalidade de Vieira de Carvalho, traçara o plano, ou melhor, o exemplo para os seus colegas; e essa luz crescia e agora, se avolumou ainda mais enveredando-se pelas janelas das Universidades estrangeiras, como raios de um sol inesperado pela beleza e pelo seu calor intenso.

Sim, é esse sol que nasce nos corações de seus mestres distribui luz a todos que, com vontade, ação e trabalho, calçam as duras botas e se põe em marcha nos caminhos da ciência, no afã de trazer a si e aos seus semelhantes a conquista de novas esperanças pelo bem comum, no engrandecimento de sua Pátria.

E após esse sol...! Ninguém esperava...! Veio a chuva, uma chuva de aplausos, de admiração por nossa Faculdade e de maior grandeza, pois, viera de fóra a aguar o campo onde se cultivava a messe sã e digna de um patrimônio.

E que o sol que nos trouxe a chuva, jamais se extinga; que passe hereditariamente, aquecendo sempre o nosso valor e o resfriando sempre como agora, com aplausos e admiração, assim, sucessivamente, em louvor ao nome de nossa querida Faculdade.

Contabilidade, 25-7-51

4 são os anos de estudo do curso elementar, 4 os de ginásio, 3 os de colégio e 6 de faculdade, num total, quando bem sucedido o estudante completa 17.

17 anos de dedicação sem compromissos economicos. Dezesete anos de erario negativo.

Quando ainda na universidade, mesmo que trabalhando em qualquer hospital, é amesquinhado e achincalhado, ficando em situação material e moral abaixo de qualquer "office-boy".

Os estudantes de medicina são sugados, e o pior, sugados por médicos. Mas, como tudo parece ter uma compensação o acadêmico faz-se de cego e continua como escravo sabendo que a melhora algum dia virá. Sonha com milhões, milhões de vocabulos que a medicina ensina.

Finalmente, chegado o dia em que o último exame é o de consciência cai na realidade da vida onde um descuido é fatal, onde os proprios irmãos de armas serão os primeiros a dar-lhe o golpe de misericórdia.

As boas qualidades ninguem as comenta, os erros são os que têm maior velocidade.

Existe uma desunião, egoismo, falta de consideração pela propria medicina. Cada um para si, e Deus para todos. Mas o caso é que cada um tem um Deus especial.

Que venha essa socialização o quanto antes!...

A situação do médico no Brasil é

um luxo. Qual a necessidade de criação de novas escolas de medicina, se não há garantias profissionais?

Instituições há que abrigam centenas de individuos sob a tutela de um só médico.

O valor profissional do médico afundou-se na noite dos tempos. Os que possuem um padrinho político encostam-se a essas instituições e ao funcionalismo, marcando ponto, marcando passo e dormindo no ponto.

Mas há muito médico rico. O Brasil é muito grande e prospero há muito terreno para ser vendido, e muito carro para negociar, É bem por isso que o charlatanismo e o curandeirismo campeiam a valer.

O médico recém formado é um desamparado se ficar na capital. Se for para o interior, é lógico, é uma aventura que pode dar certo... Uma autêntica loteria. Poucos são os que a acertam.

Qual a função dos DEPUTADOS e VEREADORES? NENHUMA. Eles tem a possibilidade de fazer baixar o preço da banana e da marmelada, mas elevar a moral dos intelectuais, NUNCA pois lhes falta competência e honestidade.

Veja-se o caso dos médicos e doutorandos do Pronto socorro municipal, dois meses a ver navios.

BRAVOS! MUITO BEM! VIVA NOIS! O FUTEBOL NO BRASIL É O MAIOR...

William Callia

Dias 13 e 16 de setembro, às 20 horas, no anfiteatro da  
— FACULDADE DE MEDICINA —

## GRANDE "SHOW MEDICINA" O maior show universitário do Brasil

Dia 13 - Entrada franca  
Dia 16 - Entrada - Cr\$ 10,00

Personagens: Ele (acadêmico de medicina) e Ela.

Cenário: É noite.

Ele: Você conhece o estádio da faculdade?

Ela???

Pano ultra rápido.

Reportagens do CONDE

**Traumatologia:** (urgente) O departamento de Traumatologia do P. S. forneceu aos plantonistas diplomas comemorativo de seus plantões. O diploma é o seguinte: Especialista em goteiras de gesso e suturas delicadas com material de copa e cosinha.

**Do 6.º ano:** O colega Michel M. tendo sismado com o ponto n.º 5 de Otorrino estudou só o ponto 5, tinha 5 cruzeiros, tomou o bonde n.º 5, encontrou 5 colegas, pagou o bonde para os 5. O ponto sorteado no exame foi o n.º 3. Pelo que se pode prever o nosso colega só pode tirar nota 2 para completar 5.

**Do 1.º ano:** No último Bisturi os colegas do primeiro aninho fizeram-se ouvir com uma queixa-creme contra o trote. Os Veteranos concluíram tratar-se de um síndrome que toma o nome de "Ipiquidade física" ou ainda de Trote traumático insuficiente.

**Med. Legal:** Soubemos em primeira mão, das dificuldades dos sextoanistas nos exames de medicina legal. Um dos Doutorandos inquirido, queixou-se amargamente das dificuldades de poder escrever algo das questões. Nosso reporter indiscretamente pediu qual a razão. O futuro esculapio respondeu de modo categorico, que não era possível fazer-se um exame de pé numa sala de aproximadamente 3 por 2 metros.

Não é que 81 colegas fazem o exame ao mesmo tempo..

**P. S. Municipal.** Um dos médicos que trabalha no P. S. M. disse-nos que se a situação continuar inalterada, pedirá internação no H. C. pois esta quasi morto de fome.

**H. C.** A superintendência do hospital evitará qualquer internação nesse sentido, alegando que tais médicos e acadêmicos estão ganhando experiência.



**CITOFENIL** - associação de ácido fe nilquinolincarbônico e salicilato de sódio, indicado no tratamento das manifestações da gota, diátese artrítica, da febre reumática e das nevralgias e nevrites

# Aquela Segunda Feira

Aos meus olhos, que ainda não se haviam dignado cumprimentar a torneira da pia, aquela segunda-feira amanheceu positivamente estranha: o despertador, que geralmente me despertava com duas horas de diferença da marcada na vespera (e veja bem com atraso ou adiantamento conforme a "lua" em que se encontrasse seu espírito caprichoso e "tacaño" de relógio não-suíço), naquele dia funcionou perfeitamente, com uma pontualidade verdadeiramente britânica. Lá fora, na rua, os autos pareciam respeitá-lo, não buzinando defronte a pensão, e os bondes não davam o ar de sua graça, trazido geralmente por um barulho insurdecedor, ao lado de uma trepidação que abalava todo o quarto, e se fosse registrada num sismógrafo daria o que pensar aos técnicos.

As três torneiras do banheiro, das quais apenas uma tinha o privilégio de despejar água, naquele dia funcionavam por igual e abertas pareciam gargalhar, zombando "hidraulicamente" da minha estupefação. Ao mesmo tempo, despertou-me a esquisita lembrança de lavar-me; fi-lo, então, quebrando assim ritmo hebdomadário dos meus banhos.

No bar da esquina, outro fato veio contribuir para aumentar minha surpresa: ao pagar o meu cafezinho quotidiano, não recebi uma bala de troco; nosso amigo, sorridente (olhe lá), trouxe-me um tostão do Getúlio, dizendo que poderia troca-lo por outro, caso eu não gostasse do "baxinho", fazendeiro em São Borja também presidente do Brasil.

Chegando ao ponto do bonde, vi, boquiaberto, chegar o antipático veículo quasi vasio Parecia-me que ele iria fazer todo aquele percurso por minha exclusiva causa. Que felicidade! O cobrador, embora português, era amável com boa vontade trocou-me uma pelega de 100 cruzeiros que eu tive a sorte de encontrar ao lado de outro passageiro, ao qual eu não devolvi por acha-lo com cara de desonesto.

Ainda meio aturdido pela sequência dos fatos, desci do bonde e extasiei-me ante a pujança do prédio da Faculdade de Medicina que para nosso desespero, a futura Cidade Universitária talvez deixe desapropriar; frequento a Faculdade diariamente, mas naquele dia memorável aquele espetáculo saltava aos olhos como se estivesse sentindo os enebriantes efeitos psicofílogos da "padronização A". Em frente

ao prédio, impressionavam-me aqueles magníficos aventais brancos, passeando de lá para cá, com os afobadíssimos calouros dentro.

A entrada da Faculdade deparei com o popular Szmul: — Bom dia, Szmul. — Bom dia. — Como vão os trocadilhos? — Que trocadilhos? Com um sorriso amarelo disfarcei, despedi-me, e comeci a desabafar com os meus botões: Que se passa? Sera Possível? Mas o meu monólogo foi interrompido pelo cumprimento cordial do bem humorado Dr. Faria.

Sabendo que naquele momento algum calouro deveria estar sendo examinado pelo Prof. Locchi, ali na ante-sala do inferno, passei devagarinho, carregando com os meus passos um mixto de curiosidade, compaixão alívio, característicos, nesta situação, do aluno "recem-veteranificado", mas não pude esconder a minha admiração quando ouvi aquelas palavras dos lábios do ilustre membro da "dinastia de Bovero": — Diga-me quais os musculos da perna... Não, não é necessário mostrar (!)... E, após uma resposta falha e melancólica, que inexplicavelmente satisfez em cheio, aquele anatomista extraordinário, lente (de grande aumento) da Faculdade há anos, que fez trabalhos até sobre a constituição estratigráfica da cauda do demônio, assombrou-me com o ridículo de um exame elementar, que culminou quando o examinando foi convidado a discutir SUMARIAMENTE sobre osso PARIETAL!

Mas eu não me havia ainda furtado àquela sensação caótica, quando recebi, por um dos elementos do clube dos cornetas, a grata notícia de que uma epidemia tinha levado todos os sapos da Fisiologia para as plagas etéreas do desconhecido... Essa notícia era por demais alvareira e hilariante e vinha satisfazer plenamente aos anseios do meu natural sadismo com relação àqueles batráquios asqueirosos, que se prestavam para completar e abrihantar o curso de Fisiologia Geral, e avacalhar toda a Cadeira de Fisiologia, e com isso já me dispunha, embalado pelo humor dos acontecimentos, a rir, gargalhar como um tresloucado, mas acordei com o barulho, lá fora, dos bondes impertinentes, a rodar, a rodar... ruidosa, incessante, enjoativamente... "peor omnia saecula saeculorum", tudo anunciando início de mais uma monótona segunda-feira...

T. S. REIFF

# A' Garça

Foi na manhã de 11 de maio que o "SHOW" medicina viajou, para onde ansiosamente era esperado: GARÇA.

Lá chegou aproximadamente às 16 horas.

Belíssima era a tarde, e a recepção mais calorosa, fizeram-nos esquecer o turbilhão cosmopolita.

Estávamos num dos maiores centros produtores de café do Mundo. Cidade simples e modesta cuja lembrança nos será sempre grata. Lembrança gravada com letras de ouro no coração daqueles que tiveram a ventura de conhecer o povo bom e amigo de Garça.

Quíça voltemos algum dia para rever aqueles que nos foram tão amáveis e retribuir com a mesma fidalguia.

Sem dúvida, a guapa repaziada do Show Medicina fez prevalecer sua classe e venceu. Quanto ao Show: foi um sucesso. As elegantes garotas de Garça, os nossos parabens.

Posso garantir com segurança que muitos corações lá ficaram. As famílias que nos receberam, nossa homenagem de gratidão augurando felicidade e prosperidade.

Um abraço cordial a todos deste punhado de academicos e futuros escualapios que guardam saudosamente sua fugaz passagem por Garça.

Zezinho

# O PATO

Oi que um terno custa caro. Mas, si pudesse, um por mês Far-se-ia, de mui bom grado, Que a roupa faz o freguês.

Um sapato até duzentos A gente pode pagar, Embora por outro lado Precise economisar.

Gravata, meia e chapéu Lenço, cueca e camisa Tudo isso custa dinheiro Mas que fazer se precisa.

Depois, cinema e pequenas Um chopp lá no Pinguim Cigarro, bonde e etc. É tudo um gasto sem fim.

Mas se acaso á perna doi, Ou há dores de barriga, Si é preciso operação Ou consulta... Que espiga!

— Ah, doutor, tem dó de mim! Não vá me desamparar. Que eu tendo tanta despesa, Não sobra pra lhe pagar...

# Somerset Maugham - O Homem e a Obra

Muito ainda se terá de escrever sobre este vulto gigantesco das letras inglesas que é Somerset Maugham. Talvez ainda passe muito tempo até que toda sua obra possa finalmente ser compreendida como o quer o grande escritor. Só sabemos que é uma das mais discutidas de todo o mundo. Para isso corroboram fatores os mais diversos: — o conteúdo humano que o autor lhe soube imprimir, sua atualidade social e política, sua singeleza, o estilo rico e ao mesmo tempo tão fluido,

De estatura média cabeleira quasi rala e prateada, tez acobreada, olhos castanho-escuros, olhar profundo, Somerset Maugham nunca faz supor ser o pai duma estirpe tão grande de personagens e fatos que ele magistralmente criou em todos os seus escritos. A primeira impressão que se tem quando com ele se fala, sua dicção suave, lenta, com um que de dramático, logo nos leva a imaginar que estamos diante dum homem incomum. Para plasmar ainda mais sua personalidade, uma timidez de nebaixa-lo o eleva cada vez mais ante nossa vista.

Um psicanalista consumado, se algum dia tiver a oportunidade de entrar em contato com Somerset Maugham, dirá sem a menor dúvida tratar-se dum individuo possuidor duma série de inibições, recalques, enfim um corroído pelo mais brutal dos complexos, o da inferioridade.

Se folhearmos muitos dos livros de Maugham, veremos que eles são a auto-análise do seu estado intimo São paginas saturadas de pessimismo, dureza, recalques. E no seu livro máximo "Servidão Humana", que tudo isso vem à tona duma maneira brutal, às vezes cortante, porém mesmo assim singela, característica esta que existe em toda a sua obra-titã.

"Servidão Humana" é um livro que maior satisfação deu a Maugham. Dois anos levou para arranca-lo de seu amago. Metamorfoseou sua propria pessoa, gaga, tímida, perseguida pelos colegas de colégio com

crueis brincadeiras, naquela outra que vive no livro o personagem central, defeituoso fisicamente, devorado por uma doença íntima, quasi incurável, queimando como sarça em fogo: — o complexo drama do rebaixamento espiritual ante um mal físico.

É ele proprio quem relata para muito seu drama íntimo: — sua gagueira, as brincadeiras de mau gosto dos colegas de escola, sua consequente timidez, finalmente um complexo de inferioridade na mais virulenta potência. Ainda hoje, com setenta e três anos de idade a gagueira e o complexo maldito são duas sombras que continuam a nublar-lhe a vida.

Somerset Maugham estudou Medicina, foi membro do "Real Colégio de Cirurgiões" de Londres, clinicou como interno do St. Thomaz Hospital da mesma cidade, porém tudo isso não lhe satisfaz. Ele sentia que alguma coisa o impelia para a Literatura, algo que sentia bem fundo no coração e que ninguém seria capaz de remover.

É na Medicina que se aprende a ver a Vida tal qual é, sem a mascara artificial do convencionalismo, do cinismo, da maledicência de nossa época. A Literatura é uma confidente para a qual logo nos dirigimos, para a qual logo confiamos tudo o que nos foi dado ver. Talvez foi porisso que a ela Maugham se tenha dirigido. A ela abriu tudo que seu intimo guardava desde os tempos de estudante de medicina até o de médico interno dum grande hospital em contato com a miseria da doença a crueza da morte. E o que é mais importante, a ela doou tudo que a vida lhe tinha dado de mau, de rebaixante, sua propria existência cheia de prós e contras.

Em suma é essa a faceta de Maugham-homem e Maugham-escritor. Todos seus livros são fragmentos de sua vida, todos os personagens que ele insulou com um mágico calor, são pedaço do Maugham torturado, sofredor.

Maurício Grinberg

# Mitológico

Sombra de morte pelo céu repassa e do arvoredo o langroroso grito reclinado do cipreste a fronte baça enquanto sôa ao longe o etéreo mito

E no terror profético da campa negro fantasma de profundo olhar do esquife rompe a carcomida tampa e os restos dum perene gargalhar

No firmamento ruga a sinfonia no denso batalhar dos elementos rebomba de Vulcano a bateria, silvam d'Eolo os temerosos ventos

A tempestade cinge a terra e o mar! Das Nereidas os corpos delicados, no seio de Tritão — soberbo altar — fogem aos vagalhões desenfreados.

Ecôa de Belona a voz potente e no monte a roçar o firmamento na vertigem do espaço e da torrente o vulto de Plutão surge negrento

E da floresta o suspirar dolente ou da cascata o convulsivo pranto são para o deus a inspiração premente na clara ideia dum funério canto

Mas, ao longe, na placida colina Impassível o genio vos remira Oh! deuses, furias da região divina e doce tange as cordas de sua lira.

Tulio Miraglia.

# Colaborações para « O Bisturi »

SMUL

- 1 Quem examina um doente na Dermatologia pode não encontrar papula mas sempre encontra PUPO LA.
- 2) Uma partida de xadrez em que os quatro cavalos não estão mais em jogo não pode acabar em... patada.
- 3) Antes do colega Callia se tornar redator do "O Bisturi" éle NUNCA LIA o nosso jornal?
- 4) A turma do 5.º ano precisa DECOURAR a Clínica Médica?
- 5) A policia vai passar a usar detergentes para DETER GENTES?
- 6) Os doentes com hipertireoidismo costumam ficar batendo papo?
- 7) Agora não se diz mais PECTORILOQUIA mas PECTORI... CINTRIA.
- 8) Que já viu o colega Motaury Porto sorrir pode dizer que já viu PORTO ALEGRE?
- 9) Temos um colega que toda vez que faz uma reação de Wassermann o resultado é UMA CRUZ.
- 10) Para nós, estudantes de medicina, é facil fazer trocadilhos. Basta mudar o avental e isto já é TROCA... DE... LINHO!

**BISMUCOFA - á base de dimetil-arsenato de bismuto, associa o bismuto, o arsênico e a glicocola e tem indicação no tratamento da lues. -**

# Noticias Científicas

## O tratamento da hipertensão essencial

Constitue uma síndrome a hipertensão arterial. Pode, por exemplo, ser de natureza endócrina; é o que ocorre quando presente um feocromocitoma, que gera hipertensão paroxística, tal aumento de pressão se fazendo presente por ocasião de excitações, em virtude da libertação de adrenalina. A benzodioxana, que age suprimindo a ação do simpático, ajuda no diagnóstico de tal tipo de hipertensão. É também de origem endócrina a hipertensão decorrente do uso de "pelets" de desoxicorticosterona, que visam o tratamento de doença de Addison. Arrenoblastomas do ovário podem, do mesmo modo, provocar o aparecimento de hipertensão endócrina.

A hipertensão arterial pode, ainda, ser de causa nervosa; é o que podem determinar tumores da base do cérebro. Por outro lado, lesões renais levam também à hipertensão; é o que fazem, por exemplo, as glomérulo-nefrites, agudas ou crônicas, assim como a pielonefrite crônica. Na hipertensão dita essencial existem, do mesmo modo, lesões renais; na gênese desse tipo de hipertensão parecem atuar os fatores excitantes da vida agitada dos nossos dias, as sobrecargas físicas e fenômenos de ordem psíquica; existiria então, aumento do hormônio adrenotrópico. Ocorreria isquemia renal bilateral, com libertação de substâncias hipertensoras, sendo suplantado o limiar da hipertensinase. De benigna ou vermelha, com o tempo, passa a hipertensão essencial, para maligna ou branca, advindo, por exemplo, alteração mais profundas do fundo de olho e deficiência da função renal.

Não existem medicamentos eficientes para o tratamento de tal moléstia. Podemos, porém, recorrer a certas medidas, que passaremos a mencionar. Inicialmente, é de boa prática a realização de adequada psicoterapia; geralmente, o hipertenso encara a vida angustiosamente e devemos, quanto possível, visar a exclusão de preocupações. Outro elemento importante é a sedação, podendo ser usados calmantes, como os barbitúricos; devem tais doentes descansar suficientemente e realizar o satisfatório repouso noturno.

Os cuidados de ordem dietética são importantes. Está estabelecido que a dieta deve ser pobre em sódio e de fácil digestão. Não deve o paciente praticar abusos alimentares e a refeição do jantar, principalmente, deve ser a mais leve possível. Se o doente fôr plétórico, deve ser instituído regime hipocalórico até ser atingido o peso ideal. Quanto ao item dietético do tratamento, foram propostas várias dietas; uma delas é a de Kempner ou de arroz, constitui-

da de arroz, tomate e mel. É interessante salientar, a propósito, que os chineses eram pouco propensos à hipertensão.

Quando, com o uso de tal dieta, se tiver conseguido certa estabilização, poderão ser acrescentadas proteínas e outros elementos, visando melhor paladar. A dieta de Kempner, porém, no nosso meio, é muito mal tolerada; aliás, seria ela de grande utilidade em certos períodos, de retenção de escórias, por exemplo, sendo suficiente, usualmente, a prescrição de alimentos de mais fácil digestão, com melhor distribuição das refeições.

No que diz respeito aos medicamentos, o ideal e a esperança residem no encontro de anti-hipertensores tipo hipertensinase. Porém, até o momento atual, apenas podemos nos socorrer de drogas que atuam enquanto administradas. Podemos utilizar os xânticos — Teobromina, na dose de 1g ou 1,5g mais ou menos, ao dia. Podem também ser usados os nitritos de ação longa. Assim, é possível recorrer ao hexanitrito de manitol e ao nitrato de sódio. Os tiocianatos podem, do mesmo modo, ser usados; são no entanto, tóxicos e, ao empregá-los no tratamento, devemos ser cautelosos; podem ser prescritos na dose de mais ou menos 20 ctg. por dia, que pode ser progressivamente aumentada, de acordo com a tolerância, até ser atingida a concentração de 5-11 mg% de soro (abaixo de 5 mg não há ação e acima de 11mg terá sido suplantado o limite de segurança). Outras drogas que podem ser empregadas são os extratos de pâncreas desinsulinizado e o tetra-etil-amônio.

É conveniente que, no tratamento, sejam os medicamentos, de quando em vez, substituídos uns pelos outros.

## Uma iniciativa que merece amplo apôio

O Departamento Científico do C. A. O. C. tem feito realizar, semanalmente, no Hospital das Clínicas, reuniões destinadas aos acadêmicos, nas quais, sob a supervisão de um orientador previamente escolhido, são apresentados interessantes e bem documentados casos.

Não é necessário realçar o alto alcance e o real valor da iniciativa. Por intermédio de tais reuniões os estudantes deparam com entidades variadas da prática médica e têm a atenção desviada para aspectos in-

teressantes que lhes são evidenciados. Porém, acreditamos que o mérito maior da atividade reside no fato de que os acadêmicos se familiarizam com reuniões do gênero, podendo evitar, no futuro, as falhas que, infelizmente, ainda cometem alguns menos, experimentados, depois de formados.

Sendo ventiladas e esclarecidas as diversas feições do caso apresentado, sendo realizado, sempre que possível, comentário anátomo-patológico e sendo frizado o devido valor dos exames subsidiários, mesmo os estudantes que ainda não cursam as séries finais poderão colher ensinamentos valiosos.

Portanto, apoiemos a feliz iniciativa do Departamento Científico, comparecendo e tomando parte nessas reuniões semanais.

V. A. N.

### Notas Científicas.

Acha-se a disposição dos colegas no Dep. Cient. Um interessante trabalho sobre "Varizes dos membros inferiores" do Dr. Fuad Al'Assal Chefe do grupo de Vasos do Ser. do Prof. E. Vasconcelos. Ao Dr. Fuad Al'Assal nossas congratulações pelo brilhante trabalho.

W. C.

UM NOVO ANTIESPASMÓDICO CÁRDIO VASCULAR

## Angiospasmina

(COMPRIMIDOS)

Fórmula: Glicinato de teofilina sódica — Hexanitrito de manitol — Cloridrato de papaverina — Fenil-etil-malonil-uréia.

Associação sinérgica da ação antiespasmódica do hexanitrito de manitol e da papaverina, aliada ao poderoso diurético glicinato de teofilina sódica.

Indicações: Hipertensão arterial — Espasmos vasculares esplancnicos e periféricos — Tromboangeite obliterante — Tonicardiaco — Diurético — Eretismo cardíaco

COMPANHIA FARMACÊUTICA BRASILEIRA  
VICENTE AMATO SOBRINHO S. A.

Praça da Liberdade, 91 — Telefone: 36-2822 — São Paulo

## ANGIPEX

Solução

Extrato de pâncreas desinsulinizado  
Extrato de músculo cardíaco  
Extrato de Viscum Album

## ANGIPEX

Injetável

Extrato de pâncreas desinsulinizado ..... 30 unid. hipotensivas  
Extrato de músculo cardíaco ..... 0.50 g.

### INDICAÇÕES

Arteriosclerose e Hipertensão em suas manifestações — Angina do peito  
Síndromes espasmódicas dos órgãos de musculatura lisa  
(vesícula biliar, ureter)

COMPANHIA FARMACÊUTICA BRASILEIRA  
VICENTE AMATO SOBRINHO S. A.

Caixa Postal 2438  
— São Paulo —

FILIAIS EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

**PANTOCORTINA** — injetável e gôtas — hormônio córtico-suprarrenal associado ao ácido pantotênico, glicocola, vitamina B1 e cloreto de sódio, para o tratamento do hiposuprarrenalismo agudo e crônico, encontrando ainda indicação nos estados de a stenia, convalescença e moléstias infecciosas crônicas debilitantes

**LACTOZYM ALFA** — cultura pura de bacilos esporulados aeróbios dotados de ação bacteriostática e bacteriolítica sobre os agentes etiológicos de várias doenças de origem intestinal

# Histórico da Medicina no Brasil

Prof. Dr. GERALDO HORACIO DE PAULA SOUZA.

**Oração do Acadêmico Walter Belda na sessão de homenagem ao ilustre higienista recentemente falecido.**

Triste situação a nossa de, como representante dos alunos da Faculdade de Medicina e dos Centros Acadêmicos da Universidade, termos de falar. Dizemos triste porquê, se pela segunda vez somos impelidos à oração nesta Casa, fazemos mais uma vez em sessão de homenagens póstumas.

Ontem, lembrávamos a alma gêmea daquele que hoje homenageamos.

Que importa porem que seja essa a circunstância e, permitam-me senhores que nossas palavras não tenham sabor de lágrimas.

Não é nossa missão traçar o perfil de Paula Souza. Seus companheiros diletos, seus eméritos discípulos, venturosos que foram de convívio tão longo com o mestre, com mais propriedade e inteligência o farão.

Seus ideais, sua vida, toda dedicada a esta Casa, serão analisadas. E ao completar-se assim o nosso conhecimento sentiremos então quanto grande era a nossa responsabilidade. Sabemos que no final veremos o quanto ultrapassa Paula Souza, em valor, daquilo que pensamos, e assim sentimos nossa demasiada pequenez para que uma palavra nova possa ser juntada às homenagens que serão prestadas.

No entanto, poderíamos nós, seus últimos alunos, silenciar?

Ainda que nos tornemos excessivamente comuns, sentimos que melhor nos fora que, no silêncio, meditássemos no exemplo que foi a vida de quem construiu o monumento hoje chamado Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo.

Meditemos, embora, um pouco alto.

Aos poucos, o passar dos dias, torna possível avaliar a altura do edifício construído. Demasiadamente certos que estávamos, não conseguimos alcançar os limites daquele em cuja sombra nos abrigávamos. Hoje notamos o porquê de seu interesse em que a Cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina fosse a própria Faculdade de Higiene. Poderia um único professor nos dar notícia de tudo o que se faz nesta Casa?

Quantas vezes extranhávamos a ausência do professor. Tinha ele viajado. E só hoje compreendemos que em cada viagem, era toda a inteligência brasileira, o melhor das tradições de nossa terra, a parte mais representativa de sua cultura, que se transportavam para os rincões de além mar.

E só hoje alcançamos quanto vasto era o horizonte que Paula Souza descortinava, quanto depressa seu olhar mergulhava no futuro, para confusão dos que nasceram estrábicos de inteligência.

Nós moços, eternamente criticados pela irreverência dita inata em nós. Nós moços nunca levados a sério por essa geração que teve uma juventude nada séria. Nós moços abandonados a um auto-didatismo desenfreado, nós moços em que duas guerras marcaram indelevelmente sulcos de pessimismo, também nos cansamos de lutar sós. E quantas vezes a busca a um porto se finda em terríveis desilusões. Quantos são os que, debaixo das láureas e cargos, nada mais são que cais de lama.

Eis porque nosso pessimismo, nosso ceticismo, nossa irreverência. Eis porque nos auto-elogiamos; porque em verdade somos em grande parte os únicos depositários de idealismo, de desinteresse, de lealdade.

E quando, ainda que ao longe, avistamos um porto seguro, exultamos. Hoje mais do que nunca, menos que amanhã, alcançamos a visão extremamente larga do Professor Paula Souza.

Não fôra seu idealismo, seu espírito tão lúcido, livre do obscurantismo generalizado da época quasi medíeva em que vivemos, não teríamos a criação, nos moldes atuais, dos cursos ora ministrados na Faculdade de Higiene.

Quão mal compreendida está a afirmação de Hipócrates, lembrança da escola de Cós, que sustenta o não haver doenças, senão doentes.

Aparentemente escudados nesse conceito, quantos não entravam, quando não repelem, as iniciativas como as de Paula Souza. Para um leishmaniótico que pode chegar ao nosso consultório, milhares definham e morrem no interior do próprio estado bandeirante.

Ainda há os que acham que Higiene é apenas recomendar um banho semanal e escovar os dentes duas vezes ao dia.

Quantos ainda não compreenderam a utilidade, presente e futura, dos sanitaristas, engenheiros e médicos, das educadoras, das nutricionistas e daqueles cursos que a morte não permitiu seu creador vê-los realizados.

E nós moços redescobrimo hoje o Prof. Paula Souza, na análise de sua vida e obra, ficamos pensando no quão diverso seria o mundo se todos os necrológicos, que pelos séculos se têm multiplicado, fossem tão merecidos como os de hoje.

Que a visão de Paula Souza, seu idealismo, seu espírito revolucionário, sua lucidez e honestidade, sejam o guia, o estímulo, não só para nós que nos iniciamos nas ciências, mas, principalmente, para aqueles que, herdeiros desta casa tão rotável, têm nos ombros a responsabilidade de engrandecê-la cada vez mais.

# III - Congresso da A.P.M. Uma noite de São João

A Stella.

Associação Brasileira de Medicina.

Com a inauguração do seu edifício "sede" à Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 274 realizou a Associação Paulista de Medicina, do dia 20 a 28 de janeiro último, o seu III - Congresso.

Organizado à maneira dos grandes congressos médicos norte americanos, procurando proporcionar aos Congressistas os meios possíveis para o melhor aproveitamento dos dias passados nesta Capital, conseguiu atrair para São Paulo um grande número de médicos, deste e de outros Estados, de modo a transformar-se no maior congresso médico já realizado no Brasil.

No curto prazo de oito dias, puderam ser amplamente discutidas, não somente temas de especialidades médicas, mas também questões de medicina-social, problemas hospitalares e de enfermagem ao lado da apresentação de um programa de demonstrações práticas no Hospital das Clínicas.

Abrilantaram, ainda, este Congresso os magníficos estandes, organizados por firmas comerciais de São Paulo, o que veio embelezar sobremaneira os vários andares da nova sede da A. P. M.

A realização deste Congresso, marca uma fase na história da medicina nacional, pois culminou com a fundação da Associação Brasileira de Medicina, entidade que congregará todos os médicos do Brasil. Somente este fato seria suficiente para justificar um Congresso e felicitamos a Diretoria da Associação Paulista de Medicina, por ter conseguido que essa idéia tenha sido concretizada em São Paulo.

Foi eleito Presidente da Associação Brasileira de Medicina, o prof. Alípio Corrêa Neto, Catedrático de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Há dias que nascem impertinentes.

Nada acontece, tudo se deseja sem nada desejar. Dias em que as horas caem uma a uma como pingos de chuva a escorrerem preguiçosamente.

Foi após um dia assim que eu senti a noite fria.

Raros balões buscavam misturar-se às estrelas.

Um desejo indefinido impeli-me a andar. Foram muitas as vezes em que procurei, no cansaço das longas caminhadas sem rumo, um pouco de paz, uma resposta às inquietações.

E eu continuei andando.

As fogueiras agonizantes velavam a madrugada. Vez ou outra um vento inesperado, cortante, reavivava umas poucas brazas esquecidas entre cinzas.

Um balão vermelho, fracassando em sua ascensão, mansamente caiu num telhado.

Já não sentia mais as ruas calçadas. Devia ter andado muito. Via ao longe as luzes triste da cidade e sentia nos pés a poeira das estradas.

Talvez buscasse uma fogueira enorme, onde as chamas tocando as pontas das estrelas me levasse a confundir-me com o infinito.

Extranhamente só eu caminhava. Vez ou outra um ruído de galho seco caindo, um vento perdido, arrancavam arrepios sobressaltados de meu corpo cansado.

A garganta já ardia com a poeira quando, criando sombras bizarras, timidamente uma réstea de luz gritou por mim.

Aproximei-me vagamente curioso. Uma porta em ruínas deixava-se atravessar nos seus vãos por aquela pouca de luz. Empurrei e a porta afastou-se como um cão sem dono.

Três vultos projetavam sombras móveis nas paredes gastas. Os cabelos brancos de uma velha tomaram reflexos estranhos quando o vento fez tremer a luz do lampeão. Um velho de ombros largos, nariz enorme, deixava passar por sob um gorro vermelho, fortes cabelos. Um mulato franzino, de olhos pequenos e ferozes, um grosso capote largado sobre os ombros, apertava entre as mãos nervosas um maço de velas.

Encostada a um canto, quasi sumida, fitando-me assustada, estava uma quasi moça. Seus olhos brilhavam com estranha beleza refletindo amor e sofrimento. Os lábios grossos saltavam daquele rosto moreno. Miros trapos a envolviam. Como me fitou...

Tudo durou tão pouco. Aquela muda interrogação agressiva me assustou. Fechei novamente a porta sem saber porque o fazia.

Um cão latia nervosamente. As arvores gemiam. As nuvens cobriam as estrelas como tênues véus.

Continuei caminhando sem sentir a caminhada, sem sentir o frio. Com nitidês estranha eu via os cabelos negros derramados por sobre os ombros, eu sentia a súplica do brilho triste daqueles olhos. Parecia que fizera algo de absurdo, de irreparavel. Sentia ter perdido qualquer coisa de muito íntimo.

Voltei pelos mesmos caminhos.

O vento remexendo restos de fogueiras espalhava as cinzas que ainda hoje me lembram aqueles estranhos olhos.

W. Belda

## Cosmogonia

*Os ossos vermelhos, nas praias do mar  
Miravam no alto a lua do ceu  
Lamentos de dôr cortavam o ar  
Levados por ventos, soprados ao léu.*

*Os mortos cantaram, em lingua de mortos,  
Um canto sem notas, em clave de dôr,  
Ninguém os ouvia, nem via seus corpos,  
Desfeitos nas aguas, na dança do amor.*

*Os deuses se riram da sorte dos homens,  
Entregues as lutas e escravos do amor  
A morte não morre, e as lutas consomem,  
O amor dos escravos, escravos da dôr.*

*Nem ossos vermelhos na areia do mar  
Nem lua de sangue, no alto do céu  
Ninguém mais ouvia a morte cantar.  
No espaço vazio, a vida nasceu...*

Landtzer 1951

## Posse solene da...

Continuação da 1.ª pag.

Essa desorganização geral existe, porque ela não soube contorná-la. Não fomos nós — «os moços» — que arquitetamos a última guerra, nem tão pouco a que talvez vira; naquela sofremos passivamente os seus trágicos efeitos e agora apenas pedimos que nos deixem lutar para tentar evitar esta última.

Não, senhores da geração que nos antecedeu, não, vós não tendes razão em nos acusar.

Vós nos criticais pela nossa posição ante uma situação que criastes e que não soubestes resolver. Vós vos esqueceis que falhastes em vossa tentativa de harmonizar os homens.

Permiti, então — senhores — que nós, os «moços», dar nossa contribuição, toda calcada no mais puro idealismo, no sentido de se evitar que sejamos novamente envolvidos pela sombra da catástrofe.

Nós sabemos que os tropeços serão enormes, temos ciência dos obstáculos que teremos de enfrentar. Muitos de nós desistirão, ou por incapacidade, ou por esgotamento na luta. Mas, no final, permanecerá de pé uma pleiade de moços de vontade inquebrantável, ficará um grupo de líderes que concretizarão em si — real e positivamente — todo o ideal de uma geração.

Talvez então consigam eles — graças ao seu persistente espírito de «moços» — realizar o que desejamos — tanto vós, os da geração atual: — que a paz habite a superfície da terra, que o homem não olhe mais com desconfiança o seu vizinho, que em lugar das palavras de morte e ódio homo, hominis lupus, haja palavras de amor, homo, hominis frates; que as mãos dos habitantes dos cinco continentes possam se juntar num aperto fraternal, que a vida possa ser vivida como se na terra não houvesse fronteiras, como se este fosse realmente a terra dos Homens, como se existisse um mundo só.

São Paulo 15 de Maio de 1951  
AGOSTINHO DE CAMPOS  
BETTARELLO

## Menina Operária

*Menina de seios ainda pequenos,  
e mão grande, rude e tão aspera...*

*Vós me lembrais as árvores, que crescem nos terrenos  
[sáfaros]*

*De raízes grossas, que se afundam no chão  
Para nutrir a copa rala que ainda nem floriu.*

João Valente Barbas Filho

## O C.A.O.C. E SUA SÉDE

Sem dúvida, o C.A.O.C. teve em 31 de março, um de seus grandes dias. Recepcionou, em sua sede, os novos dirigentes da União Estadual dos Estudantes. Para essa foram tomadas várias providências no sentido de apresentar um ambiente mais alegre e agradável as distintas visitas. Foram portanto, floridas, limpas e encheradas as diversas dependências do Centro. Tive durante essa recepção, a oportunidade de acompanhar a essas dependências inúmeras pessoas presentes, como por ex. prof. Oracy Nogueira; de todas ouvia-se a seguinte expressão: "vós possuís uma sede magnífica, confortável e com todo o necessário" O nosso Gabinete Dentário constituiu a atração máxima; todos ficavam boquiabertos ante a beleza ali exposta. De fato, o conjunto verde-branco com a pia esmaltada em preto constitui realmente uma beleza.

Ao mostrar essas diversas partes de nosso Centro Acadêmico, sentia-me orgulhoso, feliz, como se estivesse mostrando minha própria residência. Recordando, lembro-me o que era a sede do Centro em 1948: cadeiras quebradas, escrivatinhas sem chaves,

sem pés, secretaria sem máquina de escrever, sem arquivo; tesouraria sem cofre, sem armário onde guardar papéis e objetos de valor. As mesas de snooker com os panos rasgados; o soalho até então não sabia o que era cera. Nosso restaurante: uma miséria.

Por esses dados, colegas vejo o trabalho dispendido pela diretoria Fortes na administração do bar, na aquisição de moveis para a nossa salas, não deixando, entretanto, de cuidar de outros departamentos, como por ex. na compra do prédio onde funciona a Liga de Combate à Sífilis do C. A. O. C.; pela diretoria Brólio com a montagem do melhor Gabinete Dentário Universitário, com a aquisição dos moveis para a tesouraria e secretaria; e, atualmente, pela diretoria Belda que vem trilhando o mesmo caminho das duas diretorias que o precederam, procurando manter nossa sede a altura dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Enfim, foi um GRANDE DIA.

Aldo Fazzl

## Não Vai Bem

São Paulo, 8 de maio de 1951. Sim, não vai bem o esporte base na Faculdade. O desinteresse da turma é completo, haja visto os resultados conseguidos ultimamente e o não comparecimento a treinos e competições por parte de nossos atletas.

Assim, no último torneio da F. U. P. E. tiramos penúltimo lugar; na Mac-Med passada perdemos a nossa liderança e na Ac-Med os resultados conseguidos foram fracos e o comparecimento da turma quase nulo. Fazemos justiça entretanto, a alguns como Raymundo Castro, Onildo Rogano, Nicola Palazzo, Luiz Bacalá que têm demonstrado interesse.

Colégas, a Mac-Med está próxima, portanto, tratemos de incentivar os treinos senão a perderemos novamente. Lembremo-nos que a nossa Faculdade sempre se salientou no atletismo universitário e que agora apresenta incrível decadência.

Indivíduos para a formação de uma boa equipe de atletas não nos falta, mas, o que falta é boa vontade por parte da turma.

Alguns alegam falta de tempo para treinamento, outros falta de local para tal e outros ainda que nunca praticaram atletismo.

Quanto a primeira justificativa, não é realmente uma justificativa, pois, haja visto o exemplo dado pelos alunos da Escola Politécnica que, apesar de submetidos ao regime de tempo integral, no último torneio de atletismo da F. U. P. E. conquistaram brilhantemente a primeira colocação; quanto a segunda justificativa, informamos mais, uma vez os colégas que o C. A. Paulistano A. D. Floresta pôs à disposição suas instalações e que o treinamento para algumas provas de campo (Arremessos P. E.) poderão ser feitos no

próprio estádio do C. A. O. C. e, quanto a terceira justificativa, é sabido que todo esporte apresenta sempre a sua fase inicial ao indivíduo que começa a praticá-lo, fase esta em que estamos a inteira disposição dos colégas interessados para orientá-los.

Convidamos pois, todos os colégas interessados nessa modalidade desportiva a comparecerem aos treinos que são realizados no campo do C. A. Paulistano, A. D. Floresta e no campo do estádio do C. A. O. C., para que no futuro nela atinjamos um ponto elevado, da mesma maneira que atingimos na natação e futebol em que conseguimos primeiro lugar nos últimos torneios da F. U. P. E.

DEPART. DE ATLETISMO

## A mão que nunca falta

GUILHERME DE ALMEIDA

Podem faltar em nossa vida, um dia,  
a mão do amor materno, que abençoa,  
e a mão do amor-amor, que acarícia...

Mas resta sempre a mão paciente e boa  
de um anjo quasi, uma desconhecida:  
a mão que colhe lágrima dolente,  
a mão que estanca o sangue da ferida,  
a mão que enxuga o suor da fonte ardente,  
a mão que toma a pulsação da vida...

Podem faltar em nossa vida, um dia,  
a mão do amor materno, que abençoa,  
a mão do amor-amor, que acarícia...  
Mas resta sempre a mão paciente e boa,  
a mão útil de uma íntima estrangeira:  
a mão piedosa sábia da enfermeira.

## XIX

*Há uma tragedia imensa, irrevelável,  
Nesses grãos secos, tórridos, queimados  
Por esse mesmo sol imperturbável,  
Que germinou sementes e deu flores..*

*É tanta a terra e tanta a luz nos prados,  
Que mal se escuta a voz dos estertores  
De uma semente esteril que descanta  
Sua dor ao sol, que mesmo agora a encanta:*

*"Trago em meu peito franco o itinerário  
Desse destino austero, milenário,  
De uma semente seca, abandonada;*

*— Guardar no seio o cáldo segrêdo  
Do Amor que tu deixaste sem enredo,  
Sem uma flor... um sonho mudo... nada!"*

Sydney de Moraes Rêgo

## SALUTACIÓN

El rayar del alba de esta fecha solemne es anunciada por el resonar de las trompetas de Jerico enarbolando sonos de justa salutación al 68 aniversario de la Republica del Brasil; pues es un dia como hoy cuando se patentiza la personalidad politica interna e internacional de ella; que si no le llegó de las margenes del Ipiranga por los esfuerzos de José Bonifacio le vino por las aspiraciones crecientes e ininterumpidas del Norte donde floreció el sentimiento nativo separatista.

Es el 7 de Setiembre que fué al encuentro de ese desarrollo progresista nacional que reventara vivos los sentimientos de independencia y libertad cubiertos por una aureola de grandeza y felicidad. Es hoy que está de fiesta la República del Brasil; tierra de las exuberancias tropicales, manto verde de deidad infinita abrazada por corrientes, salpicada por torrentes de la solo caudalosa Amazonca y cubierto del inmenzo azul de sus cielos.

Es esta patria que por si sola representa una sola poesia de un solo poeta, donde la poesia es el Brasil y el poeta el Brasilero que lo escribe inspirado en sentimientos de tenue y pura adhesión a la patria que lo vio nacer y con la pluma de la moral impercedera y de la sana justicia que son las normas que lo caracteriza.

Es aei, que desde las columnas de este prestigioso diario autentico mi mas franca salutación a esta hermosa tierra haciendo votos porque siga su estrela luminosa de progreso haciendo que sus aspiraciones se realisen en un futuro promisor lleno de grandeza y bien estar. Y finalmente el arribo de esta fecha conmemorativa es tambien motivo de regosijo para el alma Boliviana tan unida por su territorio, por su cielo, por sus bosques y por las vias de la justicia social y el progreso al alma Brasilera.

En cada corazón Boliviano hay un caudal de admiración al Brasil y los que hemos tenido la suerte de habitar esta patria para alimentar nuestros cerebros con la sabia admosfera que enorgullese la fase de sus instituciones intelectuales y culturales llevamos impreso en nuestra conciencia en forma inborrable los principios de moralidad y trabajo que son los que rigen el progreso rotundo del Brasil.

Desde sus sitaliaes de gloria Bonifacio y Bolivar se abrazan satisfechos de sus obras; y nosotros aspiramos a ser dignos de ese abrazo de dos grandeas Americanas.

POR:

Juan Hernan de Gumucio Cardenas

## RESULTADOS DA AC - MED

Cont. da 6.ª pag.

26 pontos — José Saad, Freire, Aloisio Fernandes, Sergio Cunha 2,15"5  
3X50 (3 estilos) 1.º Gilberto Machado, Fabio, Aloisio — Turma A (AC) 26 pontos 1, 55"9 — 2.º Luiz Junqueira, Charles, Eugenio Mauro (MED) 16 pontos 2,04"4  
Jiu-Jitsu MED 1 AC O Arruda Botelho venceu Freire.  
Voleibol MED 3 AC O MED — Junqueira, Fabio, Belo, Bove, Ubiratan, Lotufo, Faria AC — Waldir, Cristovão, Paulo, Meireles, Dante, Giba, Jonas Vesti, Campos.  
Bola ao Cesto — MED 47XAC 44 AC — Abreu, Jonas, Dante, Meireles, Ernesto, Floriano, Vesti, Fernando MED — Belo, F. Abreu, Junqueira, Ubiratan, Lotufo, Martinez Mesa, Varela.  
Xadres — AC 31/2 X MED 1 1/2 Penteados 1 (AC) X Fava 0 (MED) — Arruda Leme 1 X Zuquim (AC) 0 — Sebastião Sampaio (MED) 1/2 X Haroldo (AC) 1/2 — Dario (AC) e Kassab (AC) venceram por não comparecimento dos adversários.  
Futebol AC 3 X MED 0 Remo AC 3 X MED 0  
Polo aquático venceu AC por não comparecimento dos médicos.  
RESULTADO FINAL AC 6 X MED 3  
Nota da Redação: Os "velhos" continuam com reumatismo.

**HEMOPORT XAROPE** - contem extrato hepático, complexo vitamínico B, citrato de ferro amoniacal, além de manganês, cobre e cobalto, estando indicado para o tratamento das anemias hipocrômicas ferroprivas.

# ESPORTES

RENATO SANTOS ABREU

## O ESTUDANTE E A VIDA

Por KAN-ICHI SATO

O homem sempre procura a melhor vida. Ninguém pensa que a sua vida está errada, mas todos os homens descobrem o seu erro passado. Nunca lhes cabe a culpa dos erros, pois estes dependem do ambiente em que vivem da organização do meio da escola, etc...

"Não tenho tempo", é o que todos os estudantes dizem. No entanto, para qualquer indivíduo, o dia tem 24 horas, mas apenas alguns as aproveitam. Sempre há tempo para quem realmente produz, porém, aquele que sempre está preocupado, nunca encontra tempo para fazer o que deve. Comumente, o aluno que não tem tempo para treinar também não tem tempo para estudar. Ele, simplesmente, não tem tempo...

O curso primário passa sem a criança sentir. No ginásio e no colégio, ela procura passar do modo mais folgado possível. Já crescida, assusta-se no exame vestibular. Ingressando em escola superior, não encontra tempo e, ao fim de cada ano, fica como louca ante os exames.

Um cavalo de corrida somente tem de correr; a raça é selecionada para este fim; o treino visa o mesmo fim; o animal é educado com este fim. Por isto, quando colocado diante de um concorrente ele corre até morrer. Nesta situação se coloca quem abandona quando perde e não sabe parar quando ganha.

\*\*\*

Muitos homens estão presos num trilho, e, diante de um obstáculo ou de rivalidade, não podem desviar-se. Sem saber a finalidade de sua vida, muito raramente o homem acha o seu caminho. É com a cultura pessoal que se tem de descobrir o próprio caminho.

Assim sendo, o homem passa grande parte de sua vida acostumado com o ambiente. No final de contas, ele fica repetindo e girando em torno de um mesmo ponto, sem consciência da vida. Deste modo, ele fica dentro de um quadro como uma gravura; ele pode ter idéias, mas não sai dos limites do quadro.

O povo vive somente com o costume, e, sem espírito de crítica, perde o seu fim. Procurando a facilidade, entra na "fila" que não sabe para onde vai, não é? Ele fica na esperança da sorte (loteria) ou procura um herói ou uma revolução, porque não está satisfeito com a vida.

Os velhos têm medo porque não têm grande esperança e não querem mudar. Os moços são ativos para tudo o que é da vida moderna, pois a comunidade é apradível. Mas isto não é finalidade da vida, e eles vão repetindo e girando por não encontrarem a saída para a vida. Sentem-se cercados por todos os lados: pelos costumes, pelas leis, pela ordem social, pelos regulamentos, pelo trabalho, etc., além das preocupações como estudantes. Deste modo, formam a mentalidade moderna.

Não sei se a parte de estudo dos alunos melhorou ou não. A minha impressão é a de que a vida pessoal está praticamente parada.

\*\*\*

A cultura é pessoal. Cada estudante precisa ter a sua orientação própria, de acordo com a filosofia da época que chega. A instrução obtida em escola serve apenas para

alcançar o nível atual de cada especialidade. Ora, a evolução do mundo, com especialistas avançados, nunca pára. E o estudante, ao assistir a estes fatos, não vai mais ter tempo e somente terá preocupação e loucura de estudo.

Os estudantes, hoje em dia, devem procurar o caminho da vida com o auxílio da própria cultura. O modo de viver precisa acompanhar a evolução da vida. Naturalmente, a força do homem é variável e tem limites. Mas ele tem de aplicar ao máximo a sua força no meio em que vive, descobrindo os caminhos com a sua cultura pessoal. Ao fim, quando souber aplicar a sua força e aproveitar o seu tempo, terá uma produção maior, e, conseqüentemente, sucesso na vida. Aplicando-se à vida, penetrando onde vive, ele descobre.

Esta é a finalidade do nosso treino, que também visa a formação de equipe, símbolo que é da colaboração social entre especialistas. Se cada um apresentar as suas qualidades próprias, ao mesmo tempo que corrige defeitos pessoais, poderá conquistar a cultura do homem. **Organização da vida e recreação**

"Vida" significa comer, dormir, divertir, mantendo este ritmo com trabalho, procriação, etc... Mas se isto apenas se repetir, girando em círculo, resulta um cansaço profundo porque o movimento é monótono. A vida não é um quadro; é preciso ver panoramas frescos, diferentes, em evolução, como numa viagem.

A harmonia da vida é o problema da recreação, que constitui uma técnica nova para a vida atual do homem. O intelecto tem necessidade do exercício do corpo e vice-versa.

## Vitória da A.A.A. "Oswaldo Cruz" no torneio de Futebol da F.U.P.E.

Foi realizado, no dia 1.º de Maio, o Torneio Início de Futebol da F. U. P. E. Colheram os defensores da Med, no referido torneio, espetacular vitória, depois de terem abatido todos os adversários que tiveram pela frente, alguns dos quais contanto com o concurso de renomados jogadores profissionais do futebol paulista. Essa vitória foi, acima de tudo, a vitória da fibra, da vontade e do coração.

Realizou a equipe da Med notável feito, pois além de conquistar a vitória fina, e foi a que mais tentos assinalou e a que menos tentos e escanteios sofreu. Tiveram pela frente os acadêmicos do Araçá os quadros do Centro Acadêmico de Economia, Finanças e Administração, do Centro Acadêmico 25 de Outubro (de Campinas), do Centro Acadêmico Horácio Lane e do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (de Piracicaba).

O quadro de Piracicaba, com o qual os defensores da Med disputaram a partida final, proporcionou notável exemplo de cavalherismo e de sadio espírito esportivo, pois soube acolher a derrota com altivez e disciplina. Que o exemplo frutifique entre os que não estão acostumados a agir dessa maneira dentro do esporte universitário.

Defenderam as cores da A. A. A. "Oswaldo Cruz" os seguintes jogadores:

Geralmente, para quem vive em cidade com vida moderna, o esporte visa mais o intelecto; tal indivíduo não caça na mata-virgem e não pesca no mar alto, pois só conhece automovel, arranha-céu, luz artificial, jôgo, teatro, etc. O intelecto precisa descansar. Mas o esporte, no sentido recreativo, não se destina a criar músculo, e, por isto, é contra-senso praticar exercícios brutos ou violentos. No entanto, o homem que vive no mato não precisa de exercício; a recreação será o desenvolvimento do intelecto, por meio de música, etc...

### Nosso treino de natação

Tem 4 finalidades: 1) educação pessoal e cultura; 2) recreação; 3) tomar parte em competições, em turmas, com o sentido de equipe; 4) representar a sua sociedade dentro do sentido de equipe.

- 1) Educação-física, esportiva, moral, individual, social, respeito ao homem e formação de caráter próprio.
- 2) Recreação — procura adaptação à vida de estudante e também à profissão, futura.
- 3) As competições são meios de estimular cada um pela verificação do resultado de seu esforço e para a sensação de progresso.
- 4) Nas competições, apresenta-se à sociedade o que se pode produzir.

Para cada uma destas cousas, é preciso uma orientação técnica: para a cultura pessoal, para a recreação, para a educação física, para o esporte.

Em uma competição, tem-se de apresentar a civilização de um povo e a sua cultura geral. A aplicação desse fim, é a finalidade do esporte amador e problema atual número 1.

Tenho trabalhado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, desde 1935, provando, no meu setor, glórias e revezes, atraído sempre pelo aprimoramento, que vimos conseguido.

dores: Giba; Fogaça e Cruz; Bacallá, Vignola e Walderez; Gianini, Amato, Orlandi, João de Mello e Morelli.

O troféu conquistado e que irá enriquecer a já grande coleção da Med, deve representar a alegria e satisfação que os jogadores vitoriosos sentem por terem proporcionado à sua Associação Atlética mais essa grandiosa vitória.

## VITÓRIA DOS ACADEMICOS NO JOGO DE FUTEBOL DA AC-MED.

Dentro da Ac-Med de 1951 preliaram as equipes de futebol dos acadêmicos e dos médicos. Após partida bastante disputada, a vitória sorriu aos acadêmicos pela contagem de 3X1, tendo os tentos sido assinalados por Morelli, Bacalla e Vignola para os estudantes e por Walter para os "velhos". O quadro dos médicos, para o jôgo em questão se encontrava bastante capacitado e tal fato serviu, antes de mais nada, para tornar sobremaneira atraente a peleja. Os acadêmicos realizaram um primeiro tempo primoroso e, dessa maneira, conseguiram boa vantagem por dois tentos. O segundo período decorreu bastante equilibrado.

Jogaram para os médicos Darcy, Tranchesi, Paulo Alvim, Ludovicci,

Basso, Abdalla, Hiládio, Del Nero, Walter, Carlos, João Fava e Mariano. O quadro dos estudantes alinhou: Giba; Fogaça e Cruz; R. Branco, Vignola e Batista; Afonso, Amato, Bacallá, João de Mello e Morelli.

A partida de futebol da Ac-Med proporcionou a essa competição oportunidade para que ela, mais uma vez, cumprisse sua finalidade. Numa manhã festiva, atuais e antigos defensores das gloriosas cores da Med, através do esporte, puderam se confraternizar. E não poderia ter sido de outro modo, pois na defesa da bandeira esportiva da Med, aprenderam a encarar o desporto, acima de tudo, como elemento de aproximação. Além do mais, fazendo a camaradagem, a fibra e o denodo pairar por sobre a luta esportiva, se enobreceram, pois, como afirmou Afrânio Peixoto: "No esporte como na vida", uma vez que os que sabem vencer no desporto vencem na vida, já que vencer no esporte significa disciplina, cooperação e solidariedade eficaz.

V. A. N.

Nota: do Departamento de Futebol — Devemos salientar o grande auxílio prestado pelo técnico Del Vecchio. A ele o nosso muito obrigado"

## RESULTADOS DA AC - MED

**Atletismo AC— 248 X MED — 64**  
 75 ms rasos 1.º Cherardi (Med) 8",8  
 2.º Onildo (AC)  
 300 ms rasos 1.º Onildo (AC) 38",8  
 2.º Hartung (AC)  
 88 ms c/bar. 1.º Hartung (AC) 13",6  
 2.º Waldir (AC)  
 300 ms com bar. 1.º Hartung (AC) 48" — 2.º Orsini (AC)  
 1000 ms rasos 1.º Hartung (AC) 3",17  
 2.º Kassab (AC)  
 4X75 1.º Turma A (AC) Raymundo, Onildo, Hartung, Cunha, 36",8  
 2.º Turma B (AC) Orsini, Waldir, Kassab, Palazzo.  
 Extensão 1.º Del Nero 5,85 ms. (MED)  
 2.º Raymundo (AC)  
 Altura 1.º Hartung (AC) 1,75 ms.  
 2.º Raymundo (AC)  
 Triplo 1.º Raymundo (AC) 11",75  
 2.º Del Nero (MED)  
 Vara 1.º Hartung (AC) 2,60 ms  
 2.º Del Nero (MED)  
 Peso 1.º Palazzo (AC) 10,93 ms  
 2.º Nicolau (MED)  
 Disco 1.º Palazzo (AC) 30, 94 ms  
 2.º Charles (MED)  
 Dardo 1.º Palazzo (AC) 36,78 ms  
 2.º Hartung  
 Martelo 1.º Nicolau (MED)  
 2.º Plazzo (AC)

### NATAÇÃO (Vencedora — AC).

100 ms livres Dr. Charles Corbett — 13 pontos 1,15"2 — 2.º Aloisio Fernandes 8 pontos 1,15"5 (AC)  
 50 ms de peito 1.º Paulo Branco 13 pontos 36"7 (AC) — 2.º Fabio Freire 8 pontos 39" (AC)  
 100 ms de costas 1.º Gilberto Machado 13 pontos 1,25"5 (AC) — 2.º Renato Castilho 8 pontos 1,39"8  
 400 ms livres 1.º Sergio Cunha 13 pontos 7,09 (AC) — 2.º Fuad Siad 9 pontos 7,11"1 (AC)  
 200 ms peito 1.º Paulo Branco 41"5 (AC) — 2.º Thucidides Rosales 4'35"2 (AC)  
 50 ms de costas 1.º Gilberto Machado 13 pontos 41"6 (AC)  
 2.º Charles Corbett 8 pontos 48"7 (MED)  
 4X50 ms livres 1.º Turma B (AC)

Cont. 7.º pag.

# O Ensino de Tisiologia na Faculdade de Medicina de São Paulo

Não se compreende que a nossa faculdade com o elevado conceito nacional e internacional, que usufruiu, justamente agora quando acaba de ser distinguida pela "American Medical Association" continue a desconhecer a enorme importância que assume o campo da tisiologia no ensino médico moderno.

A tuberculose é das doenças epidêmicas em nosso país, a que faz o maior número de vítimas, ocupando um sinistro primeiro lugar na mortalidade geral, em todas as capitais dos estados, se considerarmos os grupos estáveis de 15 a 35 anos.

Ao contrário, por exemplo, das doenças cardio vasculares, a tuberculose ceifa as vidas justamente na quadra em que elas são mais úteis como potencial de trabalho e de produção.

Em plena capital de São Paulo, nos exames roentgenográficos de coletividades, encontramos cerca de 1% de indivíduos portadores de tuberculose pulmonar. O obituario desta doença, ainda atingia em 1947, a 7.500 obitos em todo Estado de São Paulo.

Alem da magnitude da situação epidemiológica que apresenta a tuberculose, ainda temos a considerar os difíceis problemas que encerra o diagnóstico diferencial desta moléstia, principalmente quando no início, com as demais doenças pulmonares, os complexos aspectos de sua fisiopatologia e de sua terapêutica clínica e cirúrgica.

Diante de tal quadro, não vemos como poderemos continuar ignorando o ensino da tisiologia em nossa faculdade, ensino esse que deveria ser regular e orientado por uma cátedra especializada. Já é tempo de sairmos desta insolita situação, de pequenos cursos esporádicos de tisiologia, chamados intensivos, que em meia dúzia de dias pretendem empilhar rápidos conhecimentos teóricos associados a fugazes demonstrações práticas, dos quais os estudantes pouco ou nada retêm.

O interesse que esses pseudo cursos conseguem despertar no nosso corpo discente é bem uma prova da ância que os alunos têm de conhecerem algo sobre a tuberculose e mostra a necessidade imperiosa que há, de atender-lhes honesta e eficientemente, neste terreno do ensino médico.

Compreende-se bem, pois, os aplausos com que foi recebida a lei federal n.º, 426 de 7 de Outubro de 1948 criando as cátedras de tisiologia nas faculdades federais do país. Alias este ato do governo federal, não fez mais do que generalizar as medidas que algumas faculdades, como a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e a Faculdade Fluminense de Medicina e posteriormente a Escola Paulista de Medicina já haviam adotado em relação ao ensino de tisiologia.

Hoje as Faculdades de Medicina da Universidade do Brasil, Bahia, Paraná, já contam com suas cátedras de tisiologia providas por concurso, enquanto que as de Minas Gerais e Pernambuco já se apressam para abrir as inscrições para o seu provimento.

Como justificar pois, que a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que é justamente a de mais elevado padrão, reconhecido não só entre nos como no estrangeiro, seja a unica no país que ainda não possui sua Cátedra de Tisiologia e não tenha ainda aproveitado para si e para o preparo técnico dos seus alunos, as vantagens da lei federal 426, mencionada acima?

Não esqueçamos por outro lado, que a instituição da Cátedra de Tisiologia representa sempre um centro de aglutinação de técnicos de patologia torácica através do qual se desenvolvem com muito mais facilidade os especialistas clínicos e ci-

rúrgicos em doenças bronco pulmonares. Alias, na propria America do Sul, em inúmeros centros verificamos o extraordinário avanço no terreno da patologia e da cirurgia torácica pelo florescimento de especialistas desenvolvidos em torno de Cátedras de Tisiologia das quais para citar apenas alguns exemplos, mencionamos a Cátedra de Patologia e Clínica de Tuberculose da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, e ainda as cátedras de tisiologia das Faculdades de Medicina de Coldoba, Montevideo, Santiago, etc.

Vozes raras têm argumentado a desnecessidade da criação de uma cátedra de tisiologia, uma vez que o ensino tisiológico poderia ser ministrado nas cadeiras de clínica. Este ponto de vista não é razoavel, pois que a tisiologia moderna, por enfeixar toda uma serie de problemas anátomo-patológicos, imunobiológicos, bacteriológicos, fisiopatológicos,

de simiotécnica rádio-clínica, de terapêutica médica e cirúrgica, exige além de um corpo de especialistas nesses varios dominios, um hospital adequado ao desenvolvimento do ensino de tais problemas.

Por estas mesmas razões, no caso específico da Universidade de São Paulo, a instituição da Cátedra de Tisiologia na Faculdade de Medicina, não constituirá como se poderia pensar à primeira vista, uma dualidade de ensino, pelo fato de já existir a Cátedra de Tisiologia na Faculdade de Higiene. Esse dualismo não existirá, pois que o ensino de tisiologia numa faculdade de medicina devendo preencher as características atrás mencionadas, não poderia nunca ser ministrado numa Faculdade de Higiene, dirigida no sentido de encarar os problemas predominantemente no terreno epidemiológico e profilático, o que aliás se justifica, plenamente e não poderia ser de outra maneira, pois a sua finalidade é de preparar sanitaristas

e não médicos práticos (clínicos, cirurgiões, patologistas etc.)

Assim como já sucede com outras cadeiras, que são ministradas independentemente nessas duas faculdades, com mais força de razão o ensino da tisiologia deverá ser independente, uma da outra nas duas Faculdades, orientadas com as suas finalidades precipuas e específicas em cada uma delas.

Pelos motivos até aqui expostos, urge a instituição do ensino de tisiologia em nossa faculdade, criando-se sem mais delongas sua respectiva cátedra e procedendo-se o seu provimento mediante concurso.

Nesse dia terá a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, lavrado mais um tento e nós estudantes estaremos de parabens, pois veremos que ela como vanguarda que é do ensino médico no Brasil, manterá esse título também no terreno da tisiologia, com o preenchimento desta lacuna.

## A PENA DE MORTE NO BRASIL

Por Onildo Benício Rogano

Embora nosso direito positivo não adote a pena capital, muitos são aqueles que pressurosos, quando interpellados, ou mesmo espontaneamente, comentam, (venia vos peço), frívolamente:

"Pois é! Fulano merecia a pena de morte. Alias, se tivéssemos essa pena, então, é que tudo andaria bem, sem esses vandalismos tódos!"

É o raciocínio, não ousa afirmar, lógico, senão imediato, que ocorre, quando nos deparamos com um desses casos de "taradismo", (foi a moda que nos ditou esse neologismo), que ocupam tiragens quase integrais dos vespertinos.

Todavia, permite-nos o leitor, que se julga judicioso de seu veredictum, em que pese a sua autoridade discordar, e o fazemos veementemente; por certo, não estaremos sózinhos, e ao terminar estas poucas palavras, talvez alguém mais se convença, sinceramente.

E os argumentos, que apresentamos, reportando-nos a que, de modo particular, analisamos o problema nacionalmente creio, falam de per si, sem precisar usar da retórica, que não tenho.

Ab initio, lembramos de uma razão jurídica, se o nosso Direito Positivo não estabeleceu essa cominação, motivos de sobeja importância cubram no espirito de fazedor ou fazedores das leis penais, sustando sua mão ao abordar o tema controverso; e vós, senão por inércia, que não creio habitar corações não pusilânimes, mas por bom senso e acatamento ao direito vigente, deveis aceder.

Razões políticas saltam aos olhos mais inexpertos: fatalmente, tornar-se-ia essa pena, arma utilíssima no desvencilhamento de opositores invertidos ou incomôdo, tendo como cenário um país nascente e sujeito a fortes pressões sócio-econômicas: exêdo mas verídico é o clima nacional, observado por quem acompanha os escândalos sociais, uns como fogueiras atizadas e alimentas com mais exuberantes, outros apagados, desvanecidos por toques mágicos.

Argumentos psicológicos, extraídos da própria Psicologia Criminal, provam que o delinquente, sabendo-se de antemão um condenado ao patíbulo, não hesita em acrescentar ao primeiro, tôda uma cadia de crimes posteriores, quase sempre relacionados com a manutenção da liberdade; a psique do criminoso, ainda mais a de um homem perseguido e aguilhoado por perspectivas as mais sombrias, assemelha-se à conduta da fera acuada, diante dos batedores inexoráveis. Matar ou morrer é o seu lema, em que

pondera tôda a crueza duma lei natural.

Sociologicamente, mais ingrata se torna a defesa de nossa argumentação, pois estão aí os anexins a proclamar: "De pequenino é que se torce o pepino",

"Antes que cresça, corta-se a cabeça", e muitos outros.

Apezar de respeitarmos, em parte, o aforismo: "Vox populi, vox Dei" cumpre-nos acompanhar o pastor que abandona tôdo seu rebanho, a procura da ovelha desgarrada. Mais satisfação tem êle ao recobrar a ovelha negra, que permanecer inerte e ileso, sem um esforço sequer.

É princípio de Sociologia que tôdo o individuo é parte integrante da sociedade, que não pode e não-deve dispensar o seu concurso. Despreze a Sociedade um de seus elementos e estará praticando um crime tão desnaturado qual mãe que abandona o seu rebento, fruto lúdimo de suas entranhas. A pena de morte se nos afigura, portanto tão iníqua como o infanticídio; não é a exata e admissível solução. A recuperação, através a readaptação do transgressor à sua grei, é o caminho certo e profíquo, que devemos trilhar, confiante e inesmoredoramente.

Aventar na esteira dos precedentes um princípio econômico, parece chocante e comezinho; talvez seja porque depois do néctar, o mel parece insípido ou quiçá amargo, quem sabe porque associamos a palavra Economia com a ideia de parcimônia, trabalho e cansa, ou porque já criamos, nós brasileiros, um tabú de desdém em tôrno desse conceito. Contudo razões desse jaez existem e cumpre-nos relatá-las: o auxílio material, que poderá enviar o prisioneiro à sua família; o resgate à sociedade lesada, indiretamente, através de trabalhos forçados, tais como lavoura e construção de estradas.

Podemos incluir aqui, como colário, a dotação ao detento de uma profissão digna, e do ponto de vista médico, os efeitos não desprezíveis da laborterapia. Trata-se de curar uma mente e a Medicina também se onera desse problema terapêutico.

Por fim com a ressalva: The ast but not the least", fulguram os conceitos teológicos da personalidade humana; mesmo que ressumbrando e consolidando com argamassa etérea tôdos os anteriores, princípios religiosos da alma brasileira, forjada nos simples mas insuperáveis ensinamentos daquele que nasceu em Belém, para redenção da humanidade.

Reconheçamos a priori a origem divina da pessoa humana e teremos solucionado os problemas sempre atuais e sempre sofismados pelos pensadores, que tentam resolvê-los, quer a custa de frias equações algébricas, quer nas mais discrepantes e bizarras teorias filosóficas.

Não podemos com a consciência pejada de imperfeições, arvorar-nos em juizes de entes imperfeitos, falstosos e falíveis como nós mesmos.

A nós não cabe esse temerário julgamento, a nós não cabe alterar os incognoscíveis designios da Providência, a nós não cabe apossar-nos do poder da vida e da morte, que pertence ao nosso oniciente e onipotente Criador.

## IDEAL E DOR (XLVI)

*Há de ser sempre assim porque assim  
Foi feito o evoluir do sentimento  
Humano: é-te preciso o sacramento  
Da dor, para que possas tu, enfim,*

*Sentir ressoar, no amôgo do ser,  
O incluível eco alentador  
Cujo estridor a ti faz recompor  
O que julgavas morto, sem querer!*

*Acostuma-te a ver, no que acabou  
De fenece, um novo ensôjo a mais  
Porque não desanimes tu jamais  
De crêr no Ideal que em ti se enraizou.  
A poda torna a planta só mais bela;  
Bem cedo irás colher os frutos dela...  
SYDNEY DE MORAIS RÊGO*

## SE A MODA PEGA...

Dia 6 deste, fomos suprêendidos por um grande movimento na Biblioteca da Faculdade e para lá nos dirigimos curiosos. Tratava-se de um fato inédito. O Dr. Paulo de Almeida Tiledo, ilustre e conceituado médico paulista, presenteava a cada aluno da Faculdade, com um exemplar do seu excelente livro "Radiologia Clínica do Aparelho Digestivo". O fato causou muita surpresa e satisfação aos alunos, que publicamente vêm agradecer esse gesto, que bem mostra o alto espírito científico e o empenhamento do seu autor em favor da maior divulgação da cultura médica de São Paulo.